

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann

fascículo nº 9

Os Fagundes

Darry

Nico

Bagre

Neto

Ernesto

Paulinho



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Buseti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago



Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filho), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Frões, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Bodas de ouro de Euclides e Mocita, em 01.01.1974.

A família Fagundes justifica plenamente um capítulo à parte na história da música do Rio Grande do Sul. A ação isolada de cada um dos seus integrantes é notória, mas, em conjunto, compõe um quadro pelo qual se pode entender as várias faces da evolução de nossa música, desde o surgimento do Movimento Tradicionalista, na exata metade do século XX.

Quando o casal Euclides e Dona Mocita trouxe à luz dez rebentos e os criou ligados à vida campeira, exigindo-lhes, porém, aplicação nos estudos, estava construindo, sem saber, uma parte significativa da história gaúcha contemporânea.

Uma das muitas façanhas desta prole foi reconhecida pela Ordem dos Advogados/RS, ao conceder a Comenda Osvaldo Vergara ao casal, por ter gerado sete advogados, caso singular e cheio de significados.

Nosso prisma, porém, atém-se à música, e é aí que o show dos "da Silva Fagundes" invade a terceira geração da família. A começar por Darcy, encontraremos um dos maiores homens do rádio gaúcho em todos os tempos. Poeta, declamador, violeiro e compositor, foi o arauto da confluência dos Fagundes para a capital gaúcha nos anos 40. Antônio Augusto, o Nico, viria na mesma senda da comunicação, com grande êxito em rádio, televisão, teatro, jornal e cinema. Considerou ainda pouco para seu talento múltiplo. Compôs, com vários parceiros, canções que se tornaram clássicos do nosso cancioneiro. Foi (e é), também, advogado de vários grandes artistas e, por conta de sua vivência tão ampla, tornou-se um dos principais arquivos vivos da história do Rio Grande. Professor, historiador, folclorista, escritor e..., bem, só vendo sua biografia para crer. O irmão Euclides, o Bagre, não fica distante. Rádio, jornal, advocacia, luta sindical e política, grandes composições, gerou filhos que oxigenaram a música tradicional. Neto tem uma das carreiras mais sólidas da música gaúcha e Ernesto o paleteia vigorosamente. Ambos também atuam com desenvoltura na área da comunicação. O caçula, Paulinho, vem galgando o mesmo caminho e, ainda bem jovem, já é reconhecido como um dos maiores guitarristas deste estado pródigo em bons instrumentistas de cordas.

Seria impossível, então, compreender a música do Rio Grande antes do entendimento de que arte, comunicação, telurismo e história andam juntas. Os Fagundes representam o mais bem acabado exemplo local deste fenômeno. Mais do que isto, representam, no sentido emblemático, a linha evolutiva de toda a música contemporânea do Rio Grande, oferecendo vários exemplos, nuanças e vertentes dentro de uma mesma família.

Iniciando lá na voz de Darcy, o "Gaúcho Vaqueano do Rádio", passando pela atuação de Nico, Bagre, Neto e Ernesto, até a guitarra jazz-rock-vanerão-milonga de Paulinho, obtém-se um claro mapa da evolução da música e da cultura gaúcha na segunda metade do século XX, com vários de seus matizes ali representados.



Cronologia Biográfica: Os Fagundes

Darcy Fagundes da Silva

1924 - Nasce a 15 de dezembro, em Uruguaiiana, primogênito dos dez filhos de Florentina (Dona Mocita) e Euclides Fagundes. O pai possuía um armazém de campanha (bolicho), onde Darcy se alfabetizou sozinho, logo tornando-se "professor" dos irmãos menores que, por esta razão, entraram na escola primária pulando o primeiro ano. Aos onze anos, passa a ajudar no treinamento dos cavalos de carreira "compostos" pelo pai. Nesta época, por influência do Tio Cantílio, começa a aprender violão. Depois estudaria no curso ginásial do Colégio União de Uruguaiiana.

1940 a 1950 - Muda-se para Porto Alegre a fim de prosseguir os estudos, concluindo o curso científico (equivalente ao segundo grau), no IPA. Ali desenvolveu seus pendores artísticos. Além do violão e da declamação, estudou piano e saxofone.

Destacava-se também como desportista em natação, salto de vara e futebol. Ingressa na Arma de Cavalaria do CPOR onde, como aluno-oficial, obtém diversos prêmios hípicas. Começa, também, a ganhar fama de boêmio, tocador de violão e namorador.

1955 - Cursa a Faculdade de Direito (até o quinto ano) em Porto Alegre. Seria o único dos filhos homens de Euclides e Dona Mocita a não tornar-se advogado. É que um acontecimento logo mudaria o curso de sua vida, com grande influência sobre a história contemporânea da comunicação e da música do RS: o radialista Nelson Cardoso convida Darcy para trabalhar como rádio-ator na Rádio Farroupilha.



Darcy em "Canção de Bernadete", na TV Piratini, 1960/61 com anel emprestado por Don Vicente Scherer.

Meses depois, o diretor da rádio, Otávio Augusto Vampré, resolve criar um programa dedicado ao gaúchismo. Convida Paixão Côrtes para encabeçá-lo. Paixão, ativo folclorista, mas reconhecendo-se ainda pouco hábil como radialista, exige um companheiro de reconhecida experiência no ramo: Darcy.

Nascia, assim, o "Grande Rodeio Coringa", que por quase vinte anos, foi o mais influente programa de rádio gaúcho, um verdadeiro fenômeno de audiência, que deu curso à história da música do Rio Grande do Sul. Patrocinado pela Alpargatas, fabricante do jeans "Brim-Coringa", este programa lançou nomes fundamentais da cultura gaúcha e sua história entrelaça-se visceralmente com a história de nossa música e com a história pessoal de Darcy.

Além dos apresentadores, o "Grande Rodeio Coringa" contava com a "Grande Orquestra Farroupilha", regida pelo maestro Salvador Campanella, com dois locutores comerciais, com a dupla de humoristas Pinguinho e Walter Broda e com o conjunto "Os Gaudérios", especialmente formado para o programa.

Um ano depois de seu lançamento, Paixão Côrtes deixa o programa, sendo substituído, durante alguns meses, por Dimas Costa, e depois, definitivamente, por Luiz Menezes que, com Darcy, dividiu a titularidade por quase duas décadas.





Darcy com Nico Fagundes em "Por Pena" (TV Piratini, 1960).

Darcy declamava seus próprios poemas ao som do violão de Luiz Menezes, e era disputado, como intérprete, por grandes poetas como Apparício Silva Rillo, José Hilário Retamozzo e Jayme Caetano Braun.

Para qualquer artista gaúcho, uma oportunidade no "Grande Rodeio Coringa" representava a porta para o sucesso. Em pesquisa encomendada pela Alpargatas, o programa foi confirmado como o de maior audiência do Brasil em números absolutos.

1960 - Além do sucesso no rádio, como apresentador e rádio-ator, Darcy dá vazão ao seu talento múltiplo, compondo com vários parceiros: *Inhanduy* e *Rancho no Céu*, com Paccini, por exemplo.

Criou para si o slogan: "Darcy Fagundes, o Gaúcho Vaqueano do Rádio", mas passou também a atuar na TV.

1968 - Grava, pela Copacabana, o LP *Tropa Amarga* em parceria com Luiz Menezes. De um lado, Luiz Menezes cantando e tocando, de outro, Darcy declamando ao som do violão de Menezes e produção de Teixeira Filho.

1971 - Atua no filme "Negrinho do Pastoreio", de Nico Fagundes, ao lado de Grande Otelo.

1977 - Atua no filme "Na Trilha da Justiça", de Teixeira Filho.

1978 - Atua no filme "O Gaúcho de Passo Fundo", de Teixeira Filho.

1979 - Representa o pai de Teixeira Filho no filme "Tropeiro Velho".

1981 - Grava, pela EMI/WEA, o LP *Grande Rodeio em Noite de Gala*, apresentando vários artistas e declamando. Atua no filme "As Filhas de Iemanjá", de Teixeira Filho.

1982 - Grava, pelo selo Rouxinol, o LP *Rinha de Galo*, declamando poemas de Jayme Caetano Braun e Apparício Silva Rillo ao som do violão de Martin Coplas, coordenado por Teixeira Filho.

1983 - Apresenta, ao lado de Maria Luiza Benitez, o programa dominical da TVE "Invernada Gaúcha", onde comemora trinta anos de carreira.

1984 - Eleito vereador suplente em Porto Alegre. Já bastante doente, assume a cadeira por apenas um dia. Falece de câncer, depois de longa batalha contra a doença, a 24 de junho. Viúvo duas vezes, deixou cinco filhos de três casamentos.

Nico Fagundes - Antonio Augusto Fagundes

1934 - Nasceu em 04 de novembro, em Inhanduí, interior do município de Alegrete.

1950 a 1954 - Inicia, aos dezesseis anos, como cronista e repórter da Gazeta de Alegrete. Logo ingressaria também na rádio local, com programa humorístico



Posse da patronagem, no 35 CTG.



Nico com Telmo de Lima Freitas.

e gauchesco. Torna-se chefe de tropa de escoteiros e, depois, Cabo do 6º Regimento de Cavalaria. Ganha renome nos meios estudantis como poeta, declamador e orador. Trabalha como secretário dos Cadernos do Extremo Sul, editando vários poetas.

1954 - Transfere-se para Porto Alegre, onde ingressa no 35 CTG, a convite do poeta Lauro Rodrigues.

Assume como redator do jornal A Hora (primeiro a cores do Brasil), escrevendo por vários anos a página "Regionalismo e Tradição" e ingressa no Serviço Público Estadual.

1955 a 1958 - Ingressa no Instituto de Tradição e Folclore/RS, especializando-se (durante oito anos) em Cultura Afro-Gaúcha.

Eleito Patrão do 35 CTG (o mais jovem da história da entidade), onde torna-se professor de danças folclóricas, iniciando a formação de internadas artísticas em vários CTGs. Ministra aulas de Dança e Literatura no ITF. Viaja para a Europa como sapateador do grupo "Os Gaudérios", residindo em Paris por mais de quatro meses.

1959 - Inicia suas pesquisas sobre Indumentária Gaúcha, que o levariam a tornar-se autoridade no assunto.

Contratado como ator pela TV Piratini. É um dos fundadores do "Conjunto de Folclore Internacional" (mais

tarde batizado de "Os Gaúchos"), dirigindo-o por quinze anos.

1960 - Ingressa na Faculdade de Direito de Porto Alegre. Casa-se com Marlene Nahas, com quem teria cinco filhos.

Funda e dirige, junto ao ITF, a Escola Gaúcha de Folclore (de nível superior).

1962 - Vence concurso de literatura, promovido pelo IEL, com o romance "Destino de Tal".

1964 - Forma-se em Direito e ingressa na OAB, como advogado.

1966 - Estréia na TV Tupi, sob direção de Pereira Dias, sua peça "João Cruzeiro". Com o "Conjunto Internacional de Folclore Os Gaúchos", é premiado em festivais na Espanha e na França.

1969 - Escreve o roteiro do filme "Pára, Pedro", de José Mendes.



Nico contracenando com Geraldo Del Rey, no filme "Ana Terra", em 1972.



Nico com Lima Barreto.

1971 - Viaja por oito países europeus; participa de eventos sobre folclore por todo o Brasil, Uruguai e Argentina; trabalha como ator, assistente de direção e consultor de costumes do filme "Ana Terra" (de Durval Garcia); escreve, dirige e interpreta, ao lado de Grande Otelo, o filme "Negrinho do Pastoreio".

1975 - Produz, dirige e interpreta o filme "O Grande Rodeio".

1978 - Assume a direção do Museu Antropológico do Estado/RS.

1979 a 1980 - Faz curso de Aperfeiçoamento em História do RS na UFRGS.

1981 - Realiza apresentações com "Os Gaúchos", por um mês em Paris.

1982 a 1985 - É contratado como apresentador do programa "Galpão Crioulo", da RBS/TV. Faz curso de Mestrado em Antropologia Social, pela UFRGS.

Assume a titularidade das cadeiras de Teoria do Folclore e Folclore do RS nos cursos de Pós-Graduação e Folclore da Faculdade Palestrina.

Contratado, em 1984, como apresentador do programa "Galpão Nativo", da Rádio Gaúcha e como co-

lunista de Zero Hora.

1986 - Nomeado diretor técnico do IGTF. Empreende viagens de estudos aos EUA, México, Peru, Chile e Argentina.

1990 - Funda e assume o comando do grupo Cavaleiros da Paz, com o qual, em anos sucessivos, empreende cavalgadas por vários países da América do Sul. Divorciado, casa-se com Ana Luiza Nunes.

1994 - Assume a presidência do IGTF.

1997 - Viaja a Moscou como consultor de grupo empresarial do ramo de churrascarias. Visita Alemanha, França, Inglaterra, Escócia e Portugal.

1998 - Comanda (em francês) a apresentação da delegação de artistas gaúchos no Louvre (Paris). Escreve a peça teatral "A Proclamação da República". Agraciado com o Troféu Guri (RBS).



Inauguração da TV Piratini.



2000 - Na virada do século, Nico constitui-se em uma das principais autoridades em cultura do Rio Grande do Sul.

É Cidadão Emérito de Porto Alegre e de muitos outros municípios. Sua galeria de prêmios e comendas nacionais e internacionais é das mais vastas, incluindo-se aí a Medalha de Bronze da TV Mundial, pelo "Galpão Crioulo" (Nova Iorque, 1991).

É autor de onze livros e cinco discos, além de mais de 100 canções gravadas, entre as quais vários clássicos do cancionero gaúcho.

É verbete obrigatório em qualquer antologia ou enciclopédia que trate da cultura do Rio Grande do Sul.

Bagre Fagundes - Euclides Fagundes Filho

1939 - Nasce a 3 de outubro, em Uruguaiana, passando a infância em Alegrete. Desenvolve a musicalidade, apresentando-se em programas infantis da Rádio Fronteira de São Borja.

O apelido "Bagre" surge por esta época, dado pelo irmão João Batista, ao pescar um grande jundiá (bagre de rio) no rio Ibirapuitã. Conclui os estudos ginasiais na Escola Oswaldo Aranha (Alegrete), onde participava ativamente das atividades artísticas, cantando e declamando.

1955 a 1956 - Compra por "5 pilas" a gaita de quatro baixos e 10 teclas do irmão Aldo. O instrumento marcaria sua vida. Foi nele que compôs, muitos anos

depois, o *Canto Alegretense* e, durante toda vida, a "cordeona" será sua companhia inseparável.

1960 - Ingressa, por concurso, como escriturário no Banrisul.

1961 - Depois de breve período residindo em Rosário do Sul, retorna para Alegrete onde começa a desenvolver atividade sindical, vinculado ao PTB. Lidera greves entre 61 e 63 e participa da Campanha da Legalidade como Secretário Regional do movimento.

Atua intensamente na fundação do Sindicato dos Bancários de Alegrete, do qual seria presidente por dois mandatos.

1962 - Casa-se com Marlene Vilaverde, com quem teria quatro filhos.

1964 - Com o golpe militar, torna-se marginalizado na carreira bancária, devido à sua militância política e sindical.

1968 - Na presidência do Sindicato dos Bancários de Alegrete, começa a cursar Direito na Faculdade de Cruz Alta.

1974 - Conclui a faculdade. Sob pressão, é levado a aceitar acordo para afastar-se do Banrisul.

1975 - Apresenta-se na Califórnia da Canção de Uruguaiana, integrando o grupo "Os Angüeras". Defende as canções *Rifões do Rio Grande* e *Guitarreio por Vó Constância* (ambas de Rillo e Bicca).

1976 - Eleito vereador em Alegrete. Dedicar-se à



Com Cenair Maicá



Nico e Bagre em "O tempo e o Vento", da Rede Globo.

política e à advocacia, mas avalia a possibilidade de empreender carreira artística, incentivado por Silva Rillo e pelo irmão Darcy. Aproxima-se musicalmente de autores sul-americanos de esquerda, como Yupanqui e Mercedes Sosa.

1977 - Participa com destaque do Festival Alegretense da Canção, com a marcha *Crise de Trago*, que se tornaria clássica nos carnavais da fronteira, e com a canção *Zé Povo*, que lhe rendeu alguns boletins de ocorrência nas unidades militares.

1979 - Com a anistia aos presos e exilados políticos, Leonel Brizola volta ao Brasil. Bagre, vereador, lidera a fundação do partido em Alegrete.

1980 - Inspirado no grupo "Os Angüeras", Bagre cria o "Inhanduy", integrado pelos filhos Neto e Ernesto, com o qual apresenta-se em vários eventos.

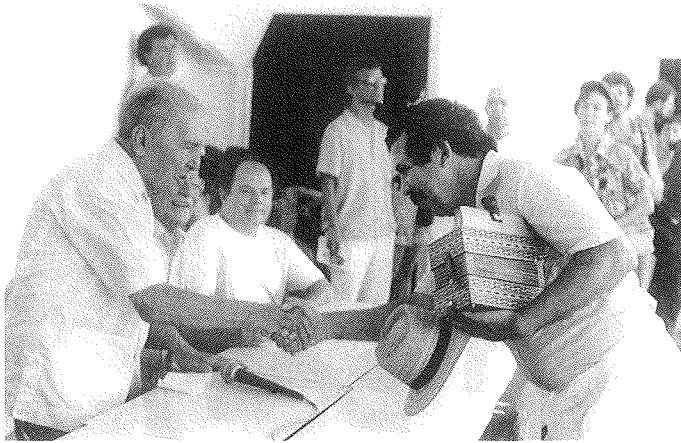
1981 - O "Inhanduy" firma-se profissionalmente a

partir de espetáculos como os da Semana Internacional de Bagé, onde é apresentado pela primeira vez o *Canto Alegretense*. Esta canção consagra-se ao ser apresentada na Tertúlia de Santa Maria. Em dezembro, o "Inhanduy", reforçado pela pianista Maninha Pedroso, vence a linha Manifestação Rio-Grandense da Califórnia de Uruguaiana, com a canção *Escravo de Saladeiro*, de Bagre e Nico, interpretada por Neto.

1982 - No Festival Nova Ronda da Canção Nativa, de Alegrete, o "Grupo Inhanduy" volta a destacar-se com a canção *Oração à Terra*, de Bagre e Nico. Bagre candidata-se à prefeitura, não se elegendendo.

1983 - Com participação especial de Renato Borghetti e Dorotéo Fagundes e interpretação de Neto, o "Inhanduy" vence a Ronda da Canção Nativa de Alegrete, com *Origens* (de Bagre e Nico). A canção torna-se um clássico do cancionero gaúcho e há mais de quinze anos é a trilha de abertura do programa "Galpão Crioulo" (RBS TV).





Bagre com Luiz Carlos Prestes.

1984 - Bagre obtém diversas premiações em festivais e passa a atuar como comentarista das rádios Gazeta de Carazinho e Gaúcha de Porto Alegre. É agraciado com o título de Cidadão Alegretense.

1985 - Coordena a parte artística da campanha de Alceu Collares à Prefeitura de Porto Alegre.

1986 - Assume a diretoria da EPATUR. Grava com a família o LP *Fagundação* (pela ACIT), realizando extensa turnê, inclusive pelo exterior.

1991 - Assume a presidência do IGTF, permanecendo até 1994.

1996 - Participa, com Nico, Neto e Ernesto no evento e do CD *Natal Luz de Gramado*.

1998 - Lança disco individual *De Bota e Bombacha*, pela USA Discos.

1999 - Agraciado com o título de Cidadão de Porto Alegre.

2000 - Assina coluna no jornal Diário Gaúcho e faz questão de mencionar que é eleito Conselheiro do Sport Club Internacional.

2001 - Agraciado com o Troféu Guri (Destaque Cultural).

Neto Fagundes - Euclides Fagundes Neto

1963 - Nasce em Alegrete, a 15 de agosto. Do primário até o fim do segundo grau, estuda no Instituto de Educação Oswaldo Aranha (Alegrete). Queria ser jogador de futebol, mas foi "escalado" para ser o cantor da famí-

lia. O "Neto do Seu Fagundes" cantava, então, em todas as reuniões de família e também na Igreja Metodista, na verdade, seu primeiro "palco".

1973 a 1979 - Percebe no pai uma grande versatilidade artística. Bagre participava de festivais nativistas, mas trazia-lhe também a MPB, a música latina e a música engajada de vários países. Neto torna-se, cada vez mais, o cantor junto ao pai, recebendo, também, a forte influência do tio Darcy, um nome consagrado do rádio. Começa a participar de programas de calouro da Rádio Alegrete.

1980 - Muda-se para Santa Maria a fim de ingressar na Faculdade de Direito. Lá, trava contato com um meio musical de intensa atividade.

Conhece Sérgio "Jacaré" Metz, Luiz Carlos Borges e o pessoal do "Grupo Horizonte".

1981 - Em maio, interpreta o *Canto Alegretense*, na II Tertúlia de Santa Maria, atingindo a consagração popular.

Em dezembro, interpreta *Escravo de Saladeiro* (Nico e Bagre), com o "Grupo Inhanduy", vencendo a linha de Manifestação Rio-Grandense da Califórnia da Canção de Uruguaiana.

1982 - Aprovado no vestibular para Direito, na Ritter do Reis, Neto muda-se para Porto Alegre. Busca oportunidades nas "penhas" do 35 CTG, apresentando-se com Renato Borghetti.

1983 - Apresenta-se novamente na Califórnia de



Ernesto, Neto e Paulinho, no Auditório Araújo Vianna - Porto Alegre.

Uruguaiana. Como já estava classificado para defender duas músicas, a canção *Guri* (composta por João e Júlio Machado, para Neto, contando sua história) é defendida por César Passarinho, acompanhado por Neto (ao violão) e Renato Borghetti.

A música torna-se um dos maiores clássicos do RS. Neto e Borghetti passam a tocar juntos em casas temáticas na noite de Porto Alegre. Renato estoura nacionalmente com seu primeiro disco, e Neto passa a acompanhá-lo em shows por todo o Brasil. Ao mesmo tempo, vai ganhando destaque como compositor e intérprete.

1985 a 1988 - Borghetti parte para trabalho exclusivamente instrumental, e Neto forma o grupo "Contrabando", com vistas ao futuro de seu trabalho dentro de um conceito "regional brasileiro".

Investe em shows em teatros, percebendo um vazio do nativismo nesta área. Apresenta-se nos teatros da OSPA, Reitoria da UFRGS e Theatro São Pedro, partindo, em seguida, para teatros de Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Vence vários festivais e cria um mercado próprio de shows. Preocupa-se em manter a mesma formação, tanto em festivais quanto em shows, mantendo na base João Vicente (gaita), Ernesto (percussão), Canela (baixo) e Jua Ferreira (bateria).

Em 1988, vence o Festival dos Intérpretes de Caçapava do Sul, o que considera seu maior momento de afirmação profissional.

1989 a 1990 - Aprofunda ainda mais o trabalho em festivais, incluindo extenso repertório de Robson Barenho, Talo Pereira e Elton Saldanha.



Canto Alegretense

Em 1980, Nico dividia escritório com Edson Dutra (advogado e gaiteiro do conjunto "Os Serranos"). Este, precisando ir a Alegrete, pergunta a Nico onde fica a cidade. Nico, humoradamente, responde com versos de improviso: era a letra da famosa música.

Edson tenta, mas não consegue musicá-la. Nico entrega-a a Neto, que a leva para Bagre, em Alegrete. Ao lê-la, Bagre compõe na hora, só que em ritmo de valsa, o preferido do patriarca dos Fagundes, que, aliás, foi a primeira pessoa a ouvi-la.

O velho Euclides, depois de algum tempo em silêncio, sentenciou: "Esta música vai imortalizar a cidade e a nossa família".

Inscrita no festival, ganhou o ritmo de rancheira, tornando-se o sucesso que hoje se conhece.



Neto, Nico e Ernesto Fagundes, em Paris, 1998.



1991 - Grava seu primeiro disco individual, o LP *Gauchosco e Brasileiro* (Nova Trilha/Polygram), onde assume definitivamente a estratégia de inserir a música regional gaúcha no contexto brasileiro.

1992 a 1993 - O disco *Galpão Crioulo - II* (coletânea da RBS/Som Livre) estoura com *Canto Alegretense e Milonga para as Missões* (de Gilberto Monteiro executada por Borghetti).

Novamente a dupla Renato e Neto está reunida e segue extensa série de shows ligados ao disco, destacando-se entre os principais músicos gaúchos que participavam dos espetáculos.

1994 - Lança, pela Polygram, o LP *Som do Sul*, prosseguindo a linha de fusão regional.

1996 - Apresenta-se em Sanary (França). Vê materializado o sonho de tocar com orquestra, no evento Natal Luz de Gramado, com a OSPA. Grava o disco homônimo pela RBS Discos, com participações especiais de Borghetti e "Nenhum de Nós".

1997 - Lança o CD *Regional Brasileiro* (independente). Ali considera sacramentadas suas idéias de renovação da música regional.

Talvez por isto mesmo, tenha encontrado muitas dificuldades junto às gravadoras, que o queriam essencialmente tradicional. Opta pelo apoio do grupo empresarial Central do Mercosul, para realizar o disco.

1998 - Começa a incursionar pela comunicação, criando os programas "Regional Brasileiro", na Rádio 107.1 Pop Rock (Ulbra), e "Neto Fagundes", no Canal Rural (35 da Net), este com alcance nacional.

Volta à França para apresentar-se no Louvre (Paris) e vai à Argentina em projeto da Prefeitura de Porto Alegre.

1999 - Incursiona pela publicidade como ator de comerciais e cantando jingles.

Grava o CD *Metendo Chamamé* (USA Discos), com canções de Mauro Moraes, com o qual conquista os prêmios Açoriano de Melhor Cantor e Melhor Disco Regional.



Bagre, Neto, Nico e Ernesto.

ilust. digital: V.H. Turuga



Bagre, Nico, Neto, Luiz C. Borges e Ernesto.

2000 - Grava o CD *Festa em Porto Alegre*, lançado pela USA Discos em 2001, com músicas de Elton Saldanha.

2001 - Apresenta-se, através de projetos do governo estadual de divulgação da cultura gaúcha, em Portugal e Itália.

Assume, interinamente, o programa "Galpão Crioulo", em substituição ao tio Nico, em tratamento médico.

Depoimento de Neto Fagundes

"Na XV Califórnia, eu defendia a música Gaitinha de Botão, com letra do tio Nico e, um detalhe importante, na composição da música, eu tive a ajuda do Jerônimo Jardim, porque éramos amigos e eu admirava muito as harmonizações dele.

Daí, Gaitinha de Botão foi escolhida pelo público como a mais popular e quando o júri anunciou o resultado, dando a vitória para Astro Haragano, houve aquela confusão toda. Agora, é preciso esclarecer como é que começou essa coisa, que eu nem considero uma agressão só ao Jerônimo. Acontece que o palco estava muito exposto, porque naquele ano o evento era aberto ao público, e a Cidade de Lona estava muito próxima. Já havíamos reclamado disso.

Na apresentação de Marlene Pastro já haviam jogado um objeto nela e, durante todos os dias do festival, houve incidentes deste tipo. Na última noite, quando estavam todos no palco para a premiação, jogaram uma garrafa que foi devolvida pelo Paulo Silva. Já tinha muito pinguço ali na frente e se criou um clima de agressividade.

Quando anunciaram a vencedora, o público atirou tudo o que tinha à mão. Por isso acho que a agressão não foi propriamente ao Jerônimo, que, aliás, merecia vencer,

mas foi uma contingência do próprio clima que se criou em todo o festival. Nós, inclusive, acabamos ajudando o Jerônimo a sair em segurança, e eu acho aquilo tudo lamentável; não admito agressão de espécie alguma, ainda mais em música.

Se o público não concordou com o resultado, o silêncio seria a resposta mais educada. Confesso que eu também fiquei com medo, porque aquilo poderia degenerar em agressão a todo mundo que estivesse por ali."

"O grande divisor de águas nos festivais, para mim, foi Desgarrados na XI Califórnia, porque o Mário e o Napp representavam o nativismo que florescia em Porto Alegre.

Venci a linha de Manifestação Rio-Grandense', com Escravo de Saladeiro, no ano em que Desgarrados ganhou. Eu via no Barbará a figura do jovem interiorano ligado a Porto Alegre, fazendo a ponte entre o regional e o urbano.

Na minha opinião, criação de festivais mais abertos como o Musicanto, vem pela mão do Mário, sem que ele buscasse isso, mas foi resultado de sua maneira de compor."

"Sempre consegui transitar bem tanto pela música nativista, quanto urbana. E isso decorreu da minha afirmação sincera como artista de que isso era possível e necessário.

Tenho todo o respaldo da minha família e da sua trajetória no meio tradicionalista, desde o Tio Darcy, mas sou um cara da cidade e aí é importante salientar que a formação musical que o meu pai passou para mim e para os meus irmãos foi eclética e sem rótulos. Ele nos fez conhecer a música do RS, mas também a das outras regiões brasileiras e o folclore do mundo inteiro, sem nunca impor um julgamento de ser uma melhor ou pior que a outra. Foi assim que eu me dei conta de que poderia ser 'gauchesco e brasileiro'."



Bagre, Neto e Ernesto.



Neto e Ernesto Fagundes no dia dos pais, em 11.08.1968.

" O RS tem todos os tipos de informação artística, com variedade e qualidade que surpreende quem vem de fora, ainda que a gente aqui não perceba isto. O que eu queria era resumir, dentro de um trabalho, toda a minha condição de interiorano que assimilou as coisas da capital.

Fiquei emocionado quando vi que o Fughetti Luz sabia cantar o Canto Alegretense, assim como ele também ficou por eu saber Campo Minado, cada um à sua maneira. Tivemos dificuldades, por exemplo, de conseguir nossa primeira apresentação no Teatro São Pedro, porque não se considerava a nossa música adequada para o lugar."

" Pedro Raymundo não era gaúcho e, talvez por isso mesmo, tenha conseguido marcar tão profundamente a nossa música. Ele conseguia ver de fora, sem maiores compromissos, usava zabumba e triângulo sem qualquer preconceito.

Quando eu o descobri, fiquei impressionado. Era já um senhor e, mesmo assim, queria criar coisas novas. Assim como também foi o José Mendes, que morreu cedo e foi uma grande perda para nós, ele já estava forçando a porta para mostrar novos caminhos."

" A música tradicionalista não muda muito e nem pode, porque deixa de ser tradicional, há uma limitação natural, mas é importante que alguém tente criar pontes com outros gêneros. Quando fiz isso, cheguei junto com gente de outros estados que tentavam os mesmos caminhos e conseguiram o apoio de gravadoras.

Sou da mesma geração de Lenine, Chico Cesar e Zeca Baleiro, que são todos regionais, com conotação brasileira. Ainda não conseguimos circular nacionalmente como eles, mas primeiro temos que solucionar isto internamente, porque aqui a gente também não toca suficientemente.

Desde antes, lá na geração de Carlinhos Hartlieb,

passando pela minha geração, nós estamos construindo um caminho que ainda não está pronto, de tornar a música do Rio Grande uma música brasileira e aceita nacionalmente. Eu mesmo fui aplaudido em vários países do mundo, mas ainda tenho receio aqui.

Quero que músicos, como Jorginho do Truquete, Ricardo Baungarten e Ricardo Arenhaldt, toquem comigo, mas do modo deles, para que tragam suas contribuições, sem ficarem preocupados com a tradição."

" Minha preocupação sempre foi a de ampliar os nossos próprios espaços aqui mesmo; o sucesso nacional nunca me passou pela cabeça.

A maioria dos artistas regionais que viraram moda, acabaram tendo que tocar outra coisa para sobreviver; não é isso que eu quero, porque a moda acaba com a qualidade.

O Rio Grande é muito rico culturalmente, e isso ainda nem foi devidamente explorado."

Ernesto Vilaverde Fagundes

1968 - Nasce em Alegrete a 18 de janeiro. Estuda até o final do II grau no Instituto de Educação Oswaldo Aranha. Começa a aprender violão com o primo Quico (filho de Aldo) e, aos oito anos, dançava chula no CTG Vaqueanos da Fronteira.

1978 a 1979 - Participa de festivais, ao lado de Bagre e Neto, tocando bombo leguero. Vence o concurso de sapateio de "Malambo", na Semana Crioula de Bagé.

1980 - Participa da Campereada Internacional de Alegrete, apresentando, com o "Grupo Inhanduy", o Canto Alegretense.



Ernesto Fagundes em show.



Bagre, Paulinho e Ernesto Fagundes.

1981 a 1983 - Participa de vários festivais junto de Bagre e Neto, sempre como legueirista (ver Neto e Bagre).

1985 - Após concluir os estudos secundários, muda-se para Porto Alegre, onde passa a trabalhar com Neto, Elton Saldanha e Dante Ledesma.

1986 - Faz sua primeira gravação como intérprete no LP *Fagundaço*, cantando a música *Noturna e Linda*, de Talo Pereira e Robson Barenho.

1987 a 1994 - Passa a atuar cada vez mais em shows e festivais, ao lado de Neto, Borghetti, Dante Ledesma, Elton Saldanha, Luiz Carlos Borges e outros grandes nomes regionais, sendo várias vezes destacado com premiações de Melhor Instrumentista e Melhor Intérprete.

1995 - Lança, pela USA Discos, seu primeiro disco individual, com show no Teatro da OSPA. O CD homônimo foi considerado pela crítica "Destaque Regional do Ano" (Zero Hora). O repertório incluía composições próprias e parcerias, como Nico, além de canções de Pablo Milanez, Ivan Lins e Vitor Martins.

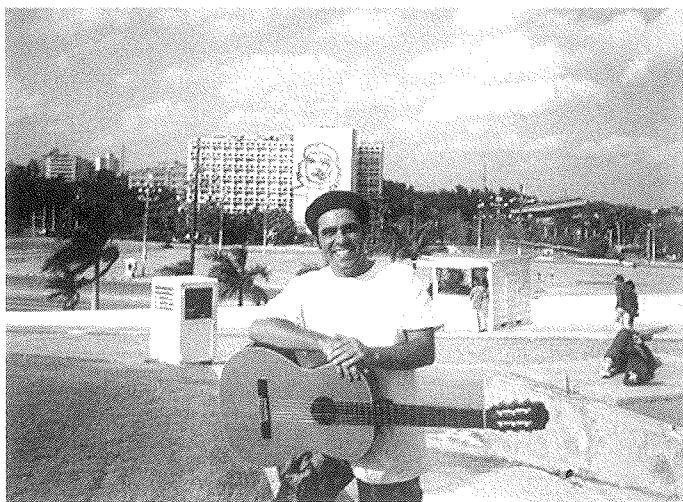
1996 - Em julho, participa, com Neto, do Festival Sud a Sul, em Sanary (França). Em dezembro, os Fagundes participam, com a OSPA, do Natal Luz de Gramado. O evento reúne público de 50 mil pessoas e resulta em lançamento de CD produzido por Ernesto.

1997 - Aos trinta anos da morte de Che Guevara, Ernesto concebe e executa, através do Funcultura (SMC/POA), o CD *Guevara Vivo*, com composições do cancionero latino-americano de índole revolucionária, além de composições especialmente feitas para o disco em parceria com Nico Fagundes e Luiz de Miranda.

O lançamento é um evento de grande porte, realizado em vários teatros, estreando no Renascença. Tornou-se homenagem oficial da Prefeitura de Porto Alegre a Che Guevara.

1998 - Lança, pela USA Discos, o CD *Sul*, co-produzido por Lúcio Yanel, com base no repertório do cancionero clássico do Rio Grande do Sul e ênfase no instrumental de raiz campeira e pampeana. Foi lançado, com espetáculo, no Theatro São Pedro, com direção de Zé Adão Barbosa.

Com Neto e Nico, participa do evento "Tempo de Brasil", no Museu do Louvre, em Paris, durante a Copa



Ernesto em Cuba.

do Mundo. O CD foi indicado ao Prêmio Açorianos de Música, na Categoria Regional.

1999 - Vence o Festival Grito do Nativismo (Jaguari), interpretando a canção *Xucra e Forte*, de Robson Barenho e Talo Pereira. É premiado com Melhor Arranjo na XIII Moenda da Canção (Sto. Antônio da Patrulha), pela música *Sul*, em parceria com Nico. Em dezembro, estréia como apresentador do programa "A Hora do Mate", na Rádio Rural.

2000 - Em fevereiro, apresenta-se em Havana (Cuba), no Projecto Cultural Sur. Em abril, representa o Brasil (acompanhado por Paulinho Fagundes) em evento coureiro-calçadista, em Hong-Kong (China). Em novembro, apresenta-se no México e na Fiera Cavalli, em Verona (Itália), ao lado de Neto.

2001 - Lança, pela Mega Tchê/Rádio Rural, o CD *A Hora do Mate*, reunindo temas gaúchos referentes ao chimarrão, com lançamento no Teatro Renascença.

É convidado a apresentar-se no Festival Internacional de Folclore, Açores/Portugal.

Agraciado com o Prêmio Destaque do Ano, pelo Sicom.

Paulinho Fagundes:

Paulo Brossard Vilaverde Fagundes

Paulinho é o mais novo integrante do "clã musical dos Fagundes". Nascido a 16 de janeiro de 1975, em Alegrete, passou a infância na cidade natal, estudando no Colégio Demétrio Ribeiro.

Seguindo a tradição da família, "arranhava" o violão

desde pequeno. Tinha seis anos quando o *Canto Alegretense* foi apresentado pela primeira vez, convivendo, portanto, com a saga artística da família assim que se entendeu por gente.

Em 1988, mudou-se para Porto Alegre, a fim de concluir os estudos secundários no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Aos vinte anos de idade, sentindo necessidade de aprimoração musical, adquiriu uma guitarra e foi estudar com grandes músicos.

Começou com o guitarrista Edílson Ávila, seguindo depois com Chumbinho e andou estudando ritmos com o baterista Kiko Freitas.

Logo nas primeiras aulas foi "escalado" pelo irmão Neto e seu grupo composto por feras. Logo de cara, já saiu tocando com Renato Mujeiko, Ricardo Arenhardt, Jorginho do Trupete e o outro irmão, Ernesto.

Ao cabo de dois ou três anos (por volta de 1998), começou a ser reconhecido pelo meio artístico, devido à técnica apurada. Passou a tocar sistematicamente com nomes importantes como Bebeto Alves, Totonho Villerooy e Geraldo Flach.

Participou de importantes shows internacionais, como Porto Alegre em Buenos Aires (em três edições acompanhando Neto, Bebeto e Totonho); turnê em Portugal, com o músico carioca Paulinho Lemos (em 2000 e 2001); em Viena, com Bebeto Alves; em Sanary/França, com Bebeto e Paula Santoro e, com o irmão Ernesto, em Hong Kong e Cuba.

Participou também da apresentação e gravação da música *Necessidade Básica* (de Nelson Lemos), no Festival de MPB (Rede Globo), em 2000, além de muitos outros discos e festivais dentro do Rio Grande do Sul.



Paulinho Fagundes



Origens

Canção

Letra: Antonio Augusto Fagundes
Música: Euclides Fagundes Filho

CAM-PEAN-DO UM RAB-TÃO DE GUA-RUA, VE-MHO SO-VIA-DO DE PE-A-LO, ER-
 GUEN-DO A PREI-RA DAIS-TÓ-RIA NAS FA-TAS DO MEU CA-VA-LO. O IN-DIO
 QUE VI-VEEM MIM BA-FEJA-TAM-BOR EM MEU FEI-TO. O HE-GRE TAM-BEM, AS-SIM
 VEM-FE-RA E A-DO-ÇA O MEU JEI-TO, COM LA-ÇO E COM BO-LEA-DEI-RA,
 COM GAR-RU-CHA E COM FA-CAO, DE-SE-AMEI PÁTRIA E FICOU-FEI-RA, FA-GO QUE-REI-
 CIRE NA-SÃO! ESTR.: EU SEI QUE TÃO DOU-MAR-REB ZOR-QUE DE MIM VAI FI-CAR
 O MUN-DO QUEEU-COS-TOU-I, O MEU RIO GUA-REDO MEU LAR
 CAM-PEAN-DOIS PRO-PRIO O-RI-GENS, QUAL-QUER GU-RI VAI A-CHAR
 2. SOU A GAI-TA CAR-DO -VEM-DO NAS MAN-OS DE SE-NS GAI-TEI-RO, SI-REN-DO POR
 SOU NA-CO QUE CAR-TA O PA-GALEIA DA CAN-ÇA E TRAXE E TRAXE E TRAXE
 O GU-RU PE-LO DU-RO, CAM-PEAN-DOIS TAM-BEM VAI-DO DEA-MAR E ME VAI-DO PE-
 OY-DE NA-DO DEU-SEI GA-O-CHOE CAM-PEI-RO. EU
 PRIN-GAR-GUA-TA, O E-CHO DO SEU VI-O-LÃO. SOU
 NA-DO PU-YU-RO, TEN-DO NO FEI-TO UM TAMBO-OR.



Canto Alegretense

Chamamé

Letra: Antonio Augusto Fagundes

Música: Euclides Fagundes Filho

1. NÃO ME PER-GUN-TES ON-DE FI-CAO A-LE-GRE-TE, SE-QUEO RU-MO DO TEU PRO-PRIO
 3. — E NA HO-RÁ...
 CO-RA-ÇÃO. CAI-ZA-RÁS PE-LA ES-TRA-DAL-GUM GI-NE-TE E OU-VI-
 RÁS TO-QUE DE GAI-TAE DE VIO-LÃO. 2. PRÁ QUM CHE-GA DE RO-SA-RIO FIM DA TAR-DE
 4. E NOL O-LAS...
 OU QUM VEM DEU-RU-GUÁ-A-NA DE MA-NHÁ, TEM O SOL CO-MO-U-MA
 BOA-SA BUEM-DA AR-DE MER-GU-LHA-DO NO RIO S-BI-RA-PUI-TÁ. OU-VEO
 ESTR.: CAN-TO GA-U-CHES-COE BRA-SI-LEI-RO, DES-SA TER-RA QUEU A-MEI DES-DE GU-
 RI, FIM DE TU-NA, CA-MO-A-TIM DE MEL OMA-PEI-RO, PE-DEA MOU-RA JÁ QUE-
 BOA-DAS DO S-ANHÁ-DUÍ. OU-VEO BOA-DAS DO S-ANHÁ-DUÍ.
 VOLTA AO INÍCIO
 PARA ESTROFES 3 & 4.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") / Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipá
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

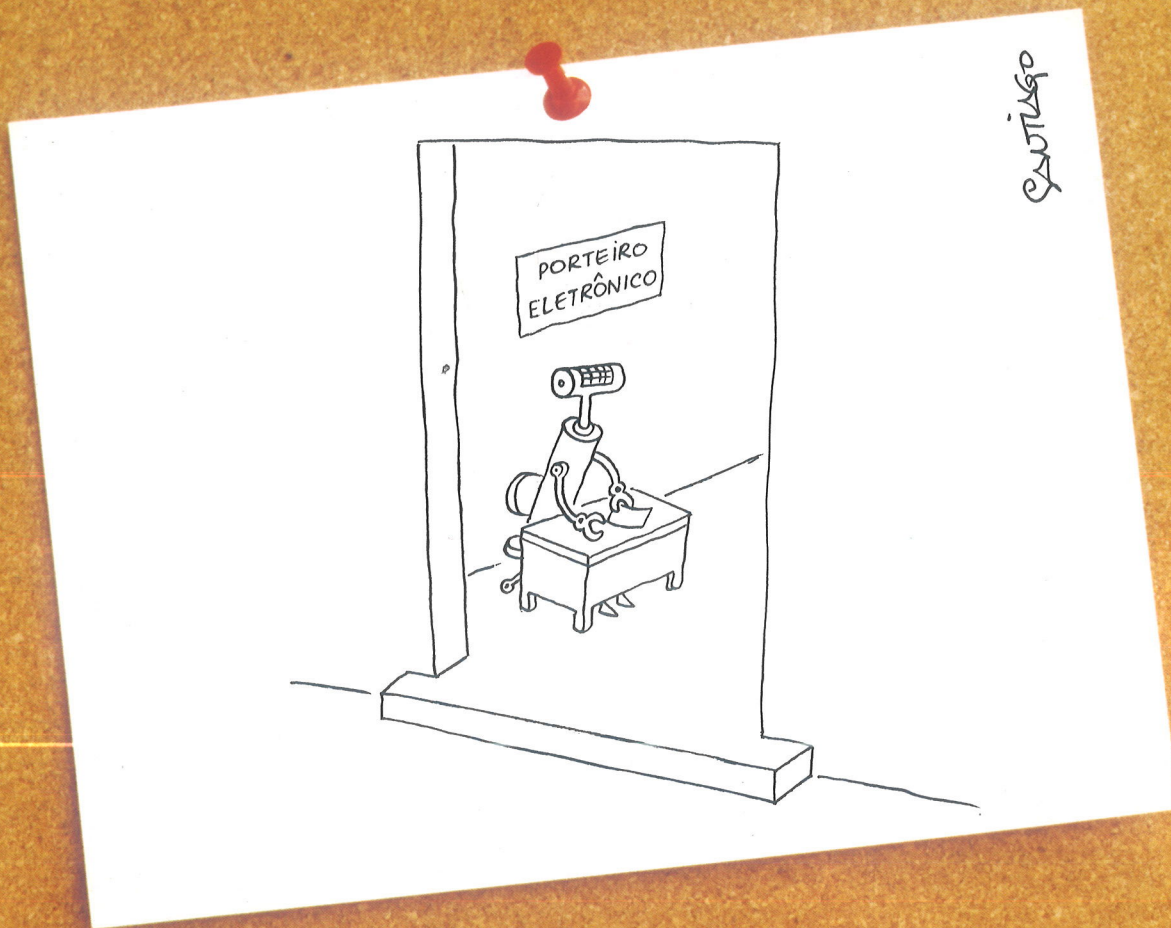
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou poprock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleitton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



CEEE
www.cee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura